

Da fronteira do eurocentrismo à fronteira de uma nova complementaridade ao mundo moderno racista

Prefácio

Há muito tempo fomos acometidos por esse inferno interminável que é a modernidade branca europeia. Acometidos parece simplesmente uma ação da natureza dessa passagem do homem branco pela vida, mas não é. As patologias de branquitude, como queria o nosso Guerreiro Ramos (1957), dizem respeito a um modo pela qual a branquitude, desde a idade média, se confundiu com a modernidade, virando ela a própria modernidade assassina (ALCOFF, 2015).

Muito a propósito disso, tanto weberianos quanto marxistas no Brasil, e mesmo autores dos estudos críticos, pós-modernos dentre os quais, vão dizer que classe é a categoria universal de reificação da identidade do capitalismo, denegando a figura da cara e corporeidade branca que torna a modernidade o que é a partir da invasão colonial. Robinson (2000) vai na direção oposta ao problematizar os tipos raciais e a universalização de um modo de vida branco da idade média que vai transformar a ossatura do capitalismo em racial desde o início, impondo raça como construto do branco que justifica em seu próprio corpo os modelos de dominação.

A modernidade cria para as pessoas negras durante a escravização um novo nome, o *negro*, que vai lhe instar como estrutura coisificada no capitalismo racial que existe antes da existência do negro enquanto *nome*. Ou seja, milhões de africanos transpostos contra a própria sorte de suas múltiplas etnias e troncos linguísticos passam a ser desidentificados e transplantados por neles terem sido identificados elementos que eram insuficientes na expansão do capitalismo racial. Os africanos são recrutados num modelo de invasão e divisão que nos lembra a própria invasão na América Latina, mas que vai selecionando povos por suas capacidades intelectuais, e não por sua inferioridade. Ou seja, o racismo jamais se baseou apenas em qualidades biológicas, mas intelectuais, afetivas, ontológicas do próprio branco europeu mal resolvido e de sua mal resolvida modernidade em expansão.

O eurocentrismo, assim, se torna o panfleto do homem branco ao se explicar, ao explicar seu suposto desenvolvimento insustentável, o seu embrutecimento, como lembrava o poeta Aimé Césaire (1971), ao responsabilizar o humanismo pelo caos da modernidade. Ao lado do eurocentrismo seria, pois, necessária a existência de um

discurso uniformizador do capitalismo racial para justificar sua estruturação e se desresponsabilizar por um passado de sangue. É nessa quadra que o eurocentrismo, como panfleto do retrato do homem branco se transforma num outro panfleto, que é o racialismo, isto é, a ideologização do racismo. O racialismo se converte na bíblia que passa a desviar os olhos do ocidental sobre o significado do racismo e de seu capitalismo racial. Com pesquisas anti-negro com tamanho de cérebro, uma imprensa monográfica de livros que vão buscar o fim da escravidão com a culpabilização do negro, entre outros aspectos, vão nos levar a imaginar que o africano foi mesmo recrutado pela brutalização do capitalismo por causa de suas capacidades inferiores.

Assim, monolíngues brancos incapazes em diversas formas de manejar a terra, de exercer uma complementar visão intercultural do mundo seriam exemplo de inteligência ao passo que africanos teriam sido recrutados apenas por causa do modo brutal e manual de trabalho. Essa ideia tem reunido também as mais diversas matizes do pensamento branco que, com o emancipacionismo, conseguem sentir até pena do negro. Estudiosos brasileiros conseguem, portanto, desconstruir, no máximo, o seu racialismo, porque confundem racismo e racialismo na sua exterioridade branca a falar de tudo e de todos sem se marcar a eles mesmos. De Silvio Romero a Arthur Ramos, de João Batista de Lacerda a Nina Rodrigues, repete-se o racialismo como a bandeira universal que tenta explicar porque o mundo branco, este a que somos submetidos e que se disfarça como modernidade, deu certo, quando as evidências dizem o contrário. Para isso, repetem fórmulas do racialismo clássico de Arthur de Gobineau. Estudiosos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque apenas tentam desconstruir esse racialismo, passando longe do racismo. No mundo contemporâneo, ao se confundir racismo com ideologia, ou seja, o seu racialismo, não se compreende o papel da linguagem na construção de um mundo moderno racista cujo discurso eurocêntrico se torna o ponto zero do mundo (CASTRO-GÓMEZ, 2007) ao buscar explicar seu passado de sangue e expandir o seu humanismo desumanizante.

Explicar as fronteiras do capitalismo racial nos obrigam a pensar o africano escravizado e seu olhar sobre esse eurocentrismo que, mais tarde, vai produzir sua outra face, o racialismo. Como o mundo moderno é uma abstração de extermínio e horror, o seu mito se explica pela ausência de olhar complementar sobre o mundo, em que uma prática monológica se firma antes de uma aterradora racialização que se discursiviza no racialismo, como panfleto ideológico. Os africanos, portanto, ao terem seus modelos pré-coloniais baseados na complementaridade, já tinham guerras e escravidão de guerra,

mas jamais uma ambiência de colonialidade. Ao serem escravizados, são jogados numa fronteira da eurocentricidade, como um eterno limbo. Ao usar o seu pensamento anti-humanista, Frantz Fanon (2008) apregoou esse fato na luta por um outro humanismo, em que pessoas negras, livres do peso da raça, vivam em paz. Aqui estou falando do limbo como uma eterna fronteira desse eurocentrismo, onde vivemos e morremos, mas não em paz. Como não se é possível romper com esse mundo, por ausência de privilégios que não vão nos ser dados com o fim do racismo, mas com a desumanização do humanismo branco, devemos lutar por uma nova fronteira, que é aquela que exterioriza toda a experiência do capitalismo racial e que possa ser complementar sempre ao mundo moderno, lhe tornando um complementar suplementado e reduzido. Dussel (1993) chamou essa experiência de transmodernidade e nesta feita estamos chamando justamente de uma fronteira que cria uma nova complementaridade a esse mundo sempre que sempre descorporifica e transforma experiências negras em ascendentes e sem futuro.

As experiências deste livro se contam por si por essa grandiosa tentativa de trazer o corpo negro de volta, como teorizou Menezes de Souza (2019), que é trazer de volta no corpo político negro sua marcação anterior à experiência do racismo, que é quando africanos, sem disputar apenas o panfleto do racismo e do eurocentrismo, relembra as vozes do sagrado e do segredo como formas de estratégia africanas. É, portanto, uma experiência a ser lida a partir da diversidade epistêmica que neste trabalho se apresenta e que vai ser de enorme contribuição para o pensamento de uma nova fronteira que crie uma outra complementaridade à modernidade branca europeia, em que dor e horror não se tornem o estertor cotidiano do corpo preto e da pele retinta.

Gabriel Nascimento
Universidade Federal do Sul da Bahia

Referências

ALCOFF, L.M. **The future of whiteness.** Cambridge: Polity Press, 2015.

CASTRO-GÓMEZ, S. Descolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el dialogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Porto: Cadernos para o diálogo, 1971.

DE SOUZA, L. M. T. M. (2019) Decolonial pedagogies, multilingualism and literacies. Multilingualism and Literacies. **Multilingual Margins**: A journal of multilingualism from the periphery, v. 6, p. 1-15, 2019.

DUSSEL, E. D. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016 .

RAMOS, A. G., 1957. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes Limitada.

ROBINSON, C. **Black Marxism**: The making of the Black radical tradition. Chapel Hill: North Carolina Press, 2000.